Entre o dom de amor e o amor narcísico

Sonia Alberti

Resenha do livro de Malvine Zalcberg: *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Enfrentando um tema ainda pouco explorado na literatura psicanalítica – é muito mais freqüente encontrarmos textos que desenvolvem a relação mãe-bebê–, este livro se baseia na teoria de Sigmund Freud e em sua releitura feita por Jacques Lacan para inserir a lógica edípica na articulação das posições subjetivas: da mãe e da filha, ou seja, parte da premissa de que, em psicanálise, é fundamental a referência lógica para cingir o sujeito que é, necessariamente, sujeito do desejo – referido ao falo – e sujeito da fala. As conseqüências disso se tornam visíveis inclusive no que tange à relação mãe-filha, mesmo se esta é não-toda fálica.

Assim, se "o pai deve instituir uma primeira separação entre a mãe e a criança" – coisa estruturalmente necessária, pois é com a intervenção dele que a criança, como observa a autora, é liberada do domínio absoluto que a mãe tem sobre sua vida,–, no caso da menina, apesar da identificação masculina que surge em consequência disso, "ela ainda terá, à saída do Édipo, de continuar a procurar uma identificação feminina", justamente "junto à mãe, mulher como ela". A hipótese principal da autora então é que "o processo edípico, no caso da menina, deixa um *resto* na condição de separação com a mãe". Resto não simbolizável, que exigirá que ela forje "uma identificação feminina pelos caminhos da inventividade e da criação". Quando não há a primeira separação, vetorializada pelo pai, deparamo-nos com a psicose, e, para ilustrá-la, o livro retoma o caso, analisado por Freud, da jovem paranóica.

Em decorrência de sua principal hipótese, a autora sustenta que a identificação feminina é forjada, sustentada na relação com a mãe. É preciso que a mãe tenha podido "viver-se mãe e mulher, sem abdicar de nenhum desses dois aspectos", para poder transmiti-lo de alguma maneira. Quando a mãe não se dá conta da existência dessas duas dimensões – de mãe e de mulher – para sua filha, surge o que Freud nomeou como *catástrofe*, e Lacan, como *devastação*.

O livro procura cingir a seguinte questão: "Como uma mulher constitui sua feminilidade, a partir da qual, um dia, a

filha constituirá a sua?". Pergunta perfeitamente freudiana, já que retoma a observação de Freud segundo a qual só é possível compreender uma mulher analisando sua relação com a mãe. Eis outra razão para a mulher amar mais ainda o seu sintoma do que o homem – sintoma esse que é seu próprio Édipo.

Atravessando inúmeros exemplos clínicos do texto freudiano, Malvine Zalcberg tece, de forma feminina, a trama da estruturação do sujeito, que deverá responder subjetivamente ao fato de que não há "um símbolo específico de seu sexo, como o falo o é para um homem" – forma da castração feminina. Mas não só os textos freudianos vêm em socorro da autora; ela também se utiliza de sua própria clínica e da clínica de outros psicanalistas, da mitologia e da literatura, do cinema, do teatro, em suma, das artes, para examinar o processo de feminização de um sujeito, com base nas relações observáveis entre mães e filhas.

É também com a ajuda de suas próprias experiências clínicas que a autora introduz temas, às vezes bastante complexos, da teoria psicanalítica. Por exemplo, para falar da importância do olhar na relação entre mãe e filha: "Maria, jovem mulher em análise, dizia: 'Que alegria tive com o nascimento de minha filha; ela enche meus olhos'". A partir dessa observação clínica, Malvine aborda a função do olhar da mãe, retoma a constituição do imaginário, e então examina o apagamento desse olhar, da perda de seu brilho, o conceito de objeto *a*. Por sua vez, outra observação exemplifica a permanência na solicitação do olhar do Outro: "Minha mãe mandou-me uma caixa de vestidos e de sapatos que nada têm a ver comigo; ela não me vê".

Sustentado numa experiência clínica de muitos anos, esse livro de Malvine Zalcberg é um importante documento sobre as tentativas e acertos já realizados pela psicanálise para teorizar a relação mãe-filha, talvez a mais complexa de todas as relações.

Iniciando com a descoberta freudiana da importância da mãe para uma menina, o livro segue questionando a maneira como a menina se inscreve no desejo da mãe, estuda a especificidade da castração feminina e o envolvimento da mãe na sexualidade da filha, para então examinar a filha como outro imaginário da mãe e a função narcísica entre ambas. Assim sendo, ao cabo da leitura, a questão que surge tangencia uma possível derivação da própria constituição narcísica do feminino em função do Édipo: é porque o sujeito pode ter um lugar através do dom de amor, mediatizado pelo pai, que, a partir da puberdade, lhe é franqueada a via para reexaminar o lugar do sujeito diante de sua imagem especular, sempre furada. Razão pela qual Malvine pode afirmar: "Mais do que ser, a feminilidade é tornar-se".